

# PRELO.

---

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

MAIO - AGOSTO de 2007

---

5

# PRELO.

Edição e propriedade  
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
AV. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA  
1000-042 LISBOA  
TEL. 21 781 07 00 · FAX 21 781 07 54

Director  
CARLOS LEONE

Concepção gráfica  
BRANCA VILALLONGA  
Revisão  
PAULA LOBO

Publicação quadrimestral  
E-mail: revista.prelo@incm.pt  
Edição: 1014714  
ISSN: 0871-0430  
Depósito legal: 242 853/06  
Tiragem: 800 exemplares  
Preço: 6€

5	Editorial
7	EM MEMÓRIA DE MIGUEL BAPTISTA PEREIRA <i>Maria Luísa Portocarrero</i>
	<i>ENSAIO</i>
16	TORGA ANTES DE TORGA <i>João Bigotte Chorão</i>
24	A EDIÇÃO RARA DOS PRELOS JESUÍTICOS DE GOA, DE 1624, <i>TRAÇA DA POMPA TRIUNFAL [...]</i> <i>[N]A CANONIZAÇÃO [...] DE S. FRANCISCO XAVIER</i> <i>Manuel Cadafaz de Matos</i>
32	UMA UTOPIA CATÓLICA SOB SUSPEITA: CENSURA ROMANA À <i>CLAVIS PROPHE TARUM</i> DO P.º ANTÓNIO VIEIRA, S. J. <i>José Eduardo Franco</i>
48	O QUE FICOU POR DIZER: PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO NO FILME <i>MAGNOLIA</i> <i>Ana Bela Morais</i>
59	<i>ARS MORIENDI</i> DE RUI NUNES <i>Annabela Rita</i>
81	AOS DIREITOS HUMANOS E O SENTIDO DA INSURGÊNCIA <i>Pádua Fernandes</i>
97	UM POEMA DE MANUEL CINTRA
	<i>TEATRO</i>
102	ESTOU NA MURALHA À TUA ESPERA <i>Augusto Sobral</i>

	<i>CRÍTICA</i>
106	Rita Martins, RAUL BRANDÃO: DO TEXTO À CENA <i>Luiz Francisco Rebello</i>
109	Jorge de Sena • José-Augusto França, CORRESPONDÊNCIA <i>Carlos Leone</i>
111	Fernando Pessoa, ESCRITOS SOBRE GÊNIO E LOUCURA <i>Pedro Panarra</i>
116	Simone Weil, A FONTE GREGA <i>João Tiago Proença</i>
119	Alejandro Portes, ESTUDOS SOBRE AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS <i>Daniel Melo</i>
124	Woody Allen, MERE ANARCHY <i>Carlos Leone</i>
126	Tzvetan Todorov, L'ESPRIT DES LUMIÈRES <i>João Tiago Proença</i>

## EDITORIAL

*Este número da Prelo é talvez o seu mais eclético até hoje. Não sendo escassa a relevância do eclectismo na cultura portuguesa, isso não será de estranhar, mas como também não é ambígua tal relevância é conveniente esclarecer o que respeita aos textos deste número.*

*A extrema diversidade de temas dos ensaios aqui publicados resulta do esforço feito para prevenir o afunilamento, tão comum em revistas «de ideias», em torno de temas e/ou colaboradores, que, gradualmente, se tornam permanentes. Apesar de Prelo ser um título não científico, isto é, sem arbitragem científica dos textos publicados, tanto a sua história anterior como a irregularidade das publicações científicas portuguesas podem tornar «natural» a sua progressiva academização. Muito embora a maioria dos nossos colaboradores tenha actividade universitária, não é esse o nosso objectivo, e, por isso, procuramos diversificar ao máximo as áreas cobertas pelos textos que publicamos, de modo a prevenir uma qualquer especialização involuntária, seja ela em Letras, História, Filosofia ou outra. Assim, a miscelânea que a cada número (excepto os de Dezembro, temáticos) nos propomos compõe-se agora de elementos os mais díspares: desde a violência no cinema contemporâneo, por Ana Bela Morais, à obra de Rui Nunes, por Annabela Rita, a amplitude é grande, pelo que destacaremos três aspectos.*

*Na linha de números anteriores (e de outros futuros), a história de Portugal é objecto de trabalhos, de José Eduardo Franco e Manuel Cadafaz de Matos, em que a influência jesuíta é relevante. Não pretendemos competir com a Brotéria, mas o tema parece ter um apelo muito forte sobre os investigadores do nosso passado.*

*Do Brasil chega-nos uma colaboração preciosa, e, esperamos, apenas a primeira. Quer pelo tema, relevante e hoje muito pertinente, quer pela capacidade de exposição, invulgar nestas matérias de Direito, colaborações como a de Pádua Fernandes são*

*particularmente oportunas e muito contribuem para dar significado à celebrada relação especial luso-brasileira.*

*Por fim, refira-se a evocação de Miguel Torga por João Bigotte Chorão e o texto in memoriam de Miguel Baptista Pereira, pela sua colega Maria Luísa Portocarrero, de que é lícito dizer pertencerem pela sua própria natureza a uma publicação com a orientação cultural da Prelo, votada a uma prospecção do presente e do futuro ancorada num conhecimento lúcido do passado.*

*Além do referido, de novo o leitor encontra as habituais secções de teatro, poesia ilustrada e crítica. O mesmo não acontecerá com o próximo número, que, como é norma em Dezembro, será temático. Este ano, aproveitando a coincidência do centenário de nascimento de Carlos Queirós e dos 80 anos do surgimento da revista Presença, a Prelo aposta para o seu sexto número num projecto em tempos pensado por Adolfo Casais Monteiro mas nunca executado: uma antologia da crítica da Presença — pequena, decerto, mas acompanhada de ensaios sobre o tema, todos a não perder. Até Dezembro.*

*Ajuda, Agosto de 2007.*

O DIRECTOR

# EM MEMÓRIA DE MIGUEL BAPTISTA PEREIRA

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO

Respondendo ao amável convite da Imprensa Nacional para escrever umas linhas de evocação e homenagem ao Professor Doutor Miguel Baptista Pereira, é com emoção e grata recordação de aprendizagem de um caminho filosófico, configurador de identidade, que hoje o recordamos como o Mestre inconfundível, o espírito generoso, profundamente atento e vigilante, o crítico feroz da passividade da cultura de consumo e de massa, em «que o homem já não pensa nem sequer projecta mas é sorvido por um modelo de mundo totalmente administrado» e onde tão-pouco é «reconhecida voz à diferença original do homem, que fez história e arte, escreveu literatura e filosofia, transformou a terra e erigiu templos»<sup>1</sup>.

Ao ensino de uma filosofia viva e crítica que não esqueça «que crise sem tradição não tem raízes nem solo, tradição sem crise está morta e consumada»<sup>2</sup> nem tão-pouco oblitere a relação entre ser e tempo, pensamento e história, realidade e acontecimento, dedicou o Doutor Miguel toda uma vida. Insurgiu-se, por isso, de modo vigoroso e frontal, contra a leccionação acrítica que «cede ao anedótico e exterior, à repetição neutra de ideias que frequentemente nem colhidas são nas fontes, mas em obras secundárias»<sup>3</sup>. Este era, em sua opinião, o en-

---

<sup>1</sup> M. Baptista Pereira, «Filosofia e crise actual de sentido», in Pereira *et alli*, *Tradição e Crise — I*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1986, p. 58.

<sup>2</sup> *Idem*, «A crise do mundo da vida no universo mediático contemporâneo», in *Revista Filosófica de Coimbra*, IV/8, (1995), p. 217. Cf. ainda *idem*, *Crise e Crítica*, separata da revista *Vértice*, XLIII, (1984).

<sup>3</sup> *Idem*, «Compreensão e alteridade», separata da revista *Biblos*, LII, (1976), p. 97.

sino responsável pelo esquecimento do «verdadeiro tema da filosofia» e pelo vazio que frequentemente se oferece aos alunos, convidando-os à debandada geral. O Doutor Miguel contrariou veementemente a instalação, na Faculdade de Letras, do espírito dos trabalhos «que apenas descreviam de fora e registavam as ideias de um filósofo, a par de dados bibliográficos». Rejeitou a lamentável mas frequente «confusão da obra filosófica com uma banda registadora ou um trabalho de computador tecnicamente imperfeito»<sup>4</sup>, tal como a visão do expositor-espectador das ideias filosóficas, que esquece a «meditação do problema real e histórico que não só anima o discurso polivalente» da obra dos filósofos, como «nos envolve a nós mesmos actores e não puros espectadores do acto filosófico»<sup>5</sup>.

Os problemas metodológicos e onto-antropológicos constituíram, desde cedo, a sua preocupação fundamental; ao esclarecimento subtil e análise detalhada dos conceitos fundamentais, que permitem pensar a história da filosofia e a novidade que ela hoje nos oferece, dedicou os seus múltiplos artigos, que vale a pena ler e que estão publicados, desde 1992 até 2004, em todos os números da *Revista Filosófica de Coimbra* e, anteriormente, sobretudo nas revistas *Cenáculo*, *Estudos*, *Biblos*, *Vértice* e *Humanitas*. O essencial em Filosofia ensinou-nos, a todos quantos foram os seus alunos, que «não deve confundir-se com o resultado da abstracção empobrecedora do real ou do modo abstractivo de conhecer. Se assim fosse, para filosofar bastaria registar as diversas concepções de filosofia aparecidas no decurso de vinte e seis séculos, compará-las entre si [...] e abstrair delas o que têm de comum, obtendo assim uma forma vazia, aplicável a qualquer subordinado lógico»<sup>6</sup>. O Doutor Miguel defendia, pelo contrário, uma outra abordagem da filosofia, uma leitura hermenêutica e dialógica das fontes, conduzida por uma real interpelação ou experiência que assinala a nossa pertença ao problema fundamental ao

---

<sup>4</sup> *Idem*, «Originalidade e novidade em Filosofia», separata da revista *Biblos*, LIII (1977), p. 5.

<sup>5</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>6</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 6.



qual há que responder. Dizia-nos: «Sem comunicação e participação na pergunta não é possível compreender o sentido e os limites da resposta e daí a importância da pergunta como ponto de partida.»<sup>7</sup> Contrapunha, assim, ao universal pensado segundo o modelo da unidade de uma pluralidade reificada a intersubjectividade ou comunhão das consciências.

Uma filosofia da *liberdade e da pessoa*, tal era a sua convicção, aquilo que sempre defendeu no conjunto dos seus escritos. Este era um modo exigente de filosofar, nem sempre bem acolhido, porquanto uma tal liberdade nunca significou para si nem o arbítrio voluntarioso nem a anulação de todas as coacções e limites do tempo ou da natureza, mas antes o acontecer duplo do apelo incondicional e da correspondência livres. Só mediante este processo de acontecimento do tempo pleno, considerava que o homem se transforma nele mesmo, «ouvindo, a partir de uma antecedente disponibilidade ou libertação, o sentido originário»<sup>8</sup>: aquele que realmente permite o encontro temporal ou união de diferentes, fecundo na produção de estruturas comuns novas que não se podem programar de antemão. As obras são, de facto, testemunhos, «mediações da pessoa no mundo, que por elas existe e nelas se exterioriza, tornam-se independentes dos seus autores»<sup>9</sup> e sobretudo abrem o espaço social imprevisível do seu efeito histórico, actualizando-se na apropriação de gerações futuras.

Dominando como ninguém o contexto filosófico europeu e privilegiando o seu magno campo dialógico de referência, o Cristianismo, o Doutor Miguel sempre se interessou pela relação fundamental entre Pessoa e Filosofia. Por isso, a Filosofia nunca foi para si uma ciência, nem tão-pouco entendeu, de forma cândida, a experiência que a faz nascer como simples facto de ciências sociais. Homem sábio, extraordinariamente inteligente e exigente, mostrou-nos pelo contrário que «a Filosofia é a determinação mais profunda do homem», a «corres-

---

<sup>7</sup> *Idem*, «Informática, apocalíptica e hermenêutica do perigo», in *Revista Filosófica de Coimbra*, V/9, (1996), p. 25.

<sup>8</sup> *Idem*, «Originalidade e novidade em Filosofia», p. 71.

<sup>9</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 36.

pondência falante, atenta à interpelação do ser do sendo e ouvinte da sua voz»<sup>10</sup>, resposta que excede, por isso mesmo, a limitação do carácter observável da experiência. Mostrou-nos ainda que o núcleo fundamental do seu sentido está «na união da unidade e da pluralidade, na tematização do ser plural, na unidade da diferença ou na integração dos seres pessoais sem eliminação dos integrados»<sup>11</sup>. Os seus textos lembram-nos, por sua vez, contrariando o subjectivismo e o individualismo dos nossos dias, que a pessoa não é puro sujeito ou indivíduo objectivável mas a união de uma diferença finita e de uma exigência incondicional de sentido: «Na pessoa convergem atributos opostos como finito e infinito, condicionado e *incondicionado*, meio e fim em si mesma, totalidade e individualidade, *estar-aí* e ser.»<sup>12</sup> É a relação privilegiada entre «o ôntico e o ser que define a essência da pessoa humana, de tal modo que ignorá-la é não atingir o ser e vice-versa»<sup>13</sup>. Ela é o correlato da abertura transfinita do homem no mundo, do seu acto ilimitado de ser, de tal modo «que o esquecimento do ser no pensamento ocidental é também fruto do abandono do indivíduo, do histórico e do circunstancial»<sup>14</sup>. Embora proveniente de uma raiz etrusca, refere o seu admirável texto de 1986 «Filosofia e crise actual de sentido», «e usada inicialmente para significar a máscara do actor, a palavra ‘pessoa’ deve a originalidade que marcou o seu conteúdo à experiência bíblica, segundo a qual a palavra livre de Deus convida o homem, oriundo da terra, a participar e a intervir responsabilmente na sua própria realidade concreta, estabelecendo-se um consórcio entre Deus e o homem histórico, entre a Liberdade infinita e a finita para a realização concreta»<sup>15</sup>. A pessoa, nascida na densa experiência

---

<sup>10</sup> *Idem*, «Alteridade, linguagem e globalização», in *Revista Filosófica de Coimbra*, XII/23, (1996), p. 25.

<sup>11</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 51.

<sup>12</sup> *Idem*, *Pedro da Fonseca: Ser e Pessoa. I — O Método da Filosofia*, Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1967, p. 29.

<sup>13</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 30.

<sup>14</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 29.

<sup>15</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 21.

de símbolo ou encontro «de que cada participante leva um sinal como recordação passível de futuras realizações»<sup>16</sup>, foi de facto o motivo constante das suas obras, desde a época da sua dissertação de doutoramento sobre *Pedro da Fonseca: Ser e Pessoa. I — O Método da Filosofia*. O modelo que melhor a traduz, ensinou-nos, não é o ver necessário da filosofia clássica da luz mas, pelo contrário, o do ouvir «que antecede toda a percepção acústica, porque é aquela actividade primeira que, solicitada e interpelada pelo reino do audível, pode aceitar ou recusar o apelo dirigido»<sup>17</sup>. E ainda porque nele reside a génese do comprometimento prático de cada um de nós com os outros, com o mundo e connosco mesmos, isto é, «o falar, que é correspondência à interpelação ou resposta ao apelo, em que o homem ouvindo se torna homem»<sup>18</sup>. Este processo do *homo viator*, concebido a partir da experiência da aliança «que não suprime mas acentua a finitude do homem» e com ela a liberdade, «que decide da sua própria realidade definitiva»<sup>19</sup>, subjaz ao conjunto de todos os seus escritos, que traduzem uma séria valorização do mundo da vida e da historicidade do existir. E fundamentalmente uma compreensão da temporalidade em que o primado é o do futuro e da esperança e não o da espacialidade da natureza ou do tempo meramente biológico.

Sublinhemos a finalizar o que, na nossa opinião, constituem os grandes pilares a partir dos quais se pode entender o pensamento filosófico do Doutor Miguel.

Aprendemos muito cedo com o Doutor Miguel: *a)* que «na raiz da essência do pensar está uma opção fundamental entre a criação da totalidade com a divinização da subjectividade ou o reconhecimento da transcendência do Ser com a afirmação da finitude do espírito humano, como relação directa do ser ao lugar do seu aparecimento»<sup>20</sup>; *b)* que no pensar «como poder

---

<sup>16</sup> *Idem*, «Para uma filosofia do símbolo», in *Revista Filosófica de Coimbra*, XIII/25, (2004), p. 4.

<sup>17</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 38.

<sup>18</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>19</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 22.

<sup>20</sup> *Idem*, *Pedro da Fonseca: Ser e Pessoa*, cit., p. 21.

transcendental de extrapor e superar os objectos na imanência da consciência, ou como visão das essências reais e efabulação de nomes e símbolos, está latente o poder de permitir ou impedir que surja o Ser como transcendente ao pensamento»<sup>21</sup>; c) que pensar não é apenas calcular, mas «é meditar a diferença olvidada pelo primado da representação da ‘mathesis’, do cálculo, do disponível e da técnica, é rememorar o obliterado da história da Metafísica, é superar a evidência do princípio de razão, das condições subjectivas de possibilidade, do ‘fundamentum inconcussum’ e dos ‘principia per se nota’, abrindo-se a uma manifestação ou clareira do abismo, de que o sujeito não é causa»<sup>22</sup>; d) que são dois os modelos ocidentais do pensar: o grego e o bíblico; e) que os gregos «jamais abandonaram o chão da sua língua e, por isso, experienciaram através dela um mundo de confiança, onde não caberia a ruptura do sujeito autónomo e da concepção moderna de ciência e de técnica»<sup>23</sup>; f) que para a compreensão bíblica «o ser não é uma presença intemporal e a-histórica como a ideia platónica ou o acto aristotélico recuperados na regressão anamnésica ou na abstracção libertadora do Espírito, mas é advento histórico do apelo incondicionado, de que Israel e o povo cristão são os ouvintes interpelados numa história originariamente dialógica»<sup>24</sup>; g) que para esta mesma compreensão «o tempo realiza-se na esfera dos sujeitos e das pessoas e, por isso, em hebraico, ‘agora’ significa a simultaneidade dos sujeitos ou a identidade de dois conteúdos temporais, a situação comum a dois e não um mero ponto temporal»<sup>25</sup>; h) que no Cristianismo o mundo é história e não natureza, um processo de emancipação lenta mas constante da razão teórica e prática ou seja da auto-afirmação de si mesmo do homem moderno; i) que na raiz da pessoa está a experiência bíblica de uma interpelação ética e da aliança que «converte o ser numa relação a outras pessoas,

---

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>22</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 60.

<sup>23</sup> *Idem*, «Alteridade, linguagem e globalização», p. 14.

<sup>24</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 23.

<sup>25</sup> *Idem*, «Originalidade e novidade em Filosofia», p. 46.

um acontecer dialógico primordial e descobre na historicidade um fundo de mistério e abismo»<sup>26</sup>; j) que a linguagem que traduziu a originalidade da compreensão bíblica de Deus, de homem e de mundo, não é na sua origem a metafísica, mas a popular, a narrativa e a simbólica; l) que «História, linguagem e pessoa identificam-se mutuamente numa pertença originária e, por isso, o homem é por vocação a história sempre nova das suas expressões de sentido ou da unidade na diferença de si mesmo, do mundo e de abismo de mistério, que envolve a pluralidade de pessoas e mundos»<sup>27</sup>.

Nunca o professor Doutor Miguel deixou de fazer notar a facticidade histórica da influência cristã do Ocidente — a experiência bíblica de tempo<sup>28</sup> — que, tal como a herança da experiência grega da natureza, marcou o pensamento filosófico ocidental. O seu modo específico de filosofar sempre recordou, aos alunos de várias gerações, o facto de, após a crise da Metafísica de raiz grega (para a qual a transcendência como libertação do tempo e da alteridade é a-histórica, impessoal e profundamente depreciativa do concreto, da corporeidade e da diferença), crescer a importância da instância superior do acontecer imposta, depois da originalidade da visão judaico-cristã, pela especial irrupção do pensamento histórico, na segunda metade do século XIX<sup>29</sup>. Neste novo contexto, não é o dualismo metafísico que define a experiência humana do que vale nem o ser apresenta os traços do espírito absoluto e universal da filosofia representativa moderna. Apresenta, pelo contrário, rasgos «de Liberdade fundamental, mistério e abismo, que, de modos epocais e individuais, sempre diferentes e novos, se impõe categoricamente ao homem»<sup>30</sup>, deixando em aberto o espaço da sua resposta simbólica e da sua coincidência possível com os outros homens, apesar das suas diferenças históricas e culturais.

---

<sup>26</sup> *Idem*, «Filosofia e crise actual de sentido», p. 23.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 13.

<sup>28</sup> *Idem*, «Originalidade e novidade em Filosofia», p. 46.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. 79.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p. 71.

Preparando, segundo o modelo da visão hebraica de tempo, um novo tempo pleno da filosofia, o Doutor Miguel meditou profundamente as experiências que subjazem à densidade do símbolo<sup>31</sup> ou do encontro de homens finitos e diferentes capazes, no entanto, de reconhecerem a situação comum e originária que os liga ao outro e assim se unirem numa hermenêutica das diferenças ou conflitos, contrária ao individualismo positivista e niilista dos tempos de hoje.

Coimbra, Julho de 2007.

---

<sup>31</sup> *Idem*, «Para uma filosofia do símbolo», pp. 3-30.

*ENSAIO*

## TORGA ANTES DE TORGA

JOÃO BIGOTTE CHORÃO

Foi um percurso não muito habitual o daquele que, nascido em São Martinho de Anta, Sabrosa, a 12 de Agosto de 1907, tomou o nome de Adolfo Correia da Rocha. Filho de uma família rural de poucos recursos, parecia destinado, como os seus maiores, à lavoura — para, com o suor do rosto, arrancar à terra o amargo pão de cada dia. Em matéria de instrução, apenas as primeiras letras que lhe permitissem assinar alguns papéis e fazer as contas elementares. Frequentou a escola primária na sua terra e o Sr. Botelho viu naquele aluno asas para mais altos voos. Um caminho aberto, naquele tempo, a rapazes da sua condição era o do seminário, uma via de promoção social e cultural. O ensino era mais barato e, sobretudo na área das Humanidades, em geral mais sólido. Mas o pequeno Adolfo sentia-se contrafeito num fato que não fora talhado para ele e abandonou logo o seminário de Lamego. Por uma questão de lealdade, não queria fingir o que não sentia.

Regressou, pois, a casa de seus pais. Que fazer então — arrotear a terra, carregar o fardo dos seus avoengos? Nessa encruzilhada, chegaram novas do Brasil, onde se estabelecera um tio, que possuía uma fazenda em Leopoldina (Minas Gerais). Aos treze anos surgia para o sobrinho o destino de muitos portugueses: o da emigração. Com o coração apertado, lá embarcou para o Brasil o pequeno Adolfo. Durante cinco anos, trabalhou na fazenda, capinando café, ajudando na escrituração comercial e na distribuição do correio. Tudo apontava para que o rapaz por lá ficasse, como o seu irmão José. O tio chegou a propor montar-lhe um comércio no Rio ou financiar os seus estudos em Portugal. Foi esta alternativa que sorriu ao sobrinho, que regressou, com o coração em festa.

Depois da saudosa romagem a penates, parte para Coimbra, que seria, após os acidentes de viagem, o porto a que